



RIVIÈRE. Claude. **Socioantropologia das religiões**. Tradução Saulo Krieger. São Paulo: Ideias & Letras, 2013.

Tatiane Aparecida de Almeida*

O livro que apresentamos é de autoria Claude Rivière. O autor é professor emérito de antropologia na Sorbonne Paris V, onde dirigiu um laboratório de etnologia e onde também foi decano e chefe de departamento. É autor de numerosas obras sobre a África. Nesta obra, intitulada *Socioantropologia das religiões*, o autor se orienta pela ótica da antropologia religiosa, que é uma disciplina que compreende a religião como parte da cultura e que busca explicar as semelhanças e as diferenças entre fenômenos religiosos em sociedades diversas. No desenvolvimento do texto, fica logo evidente a proposta do autor de lançar mão de diversos exemplos para dar sustentação a seu pensamento, possibilitando uma interpretação da religião sob uma ótica que perpassa diversas culturas e autores.

Rivière divide sua obra em cinco partes: i) *O campo da antropologia religiosa* (abrangendo os capítulos 1, 2 e 3); ii) *A crença nos mitos* (capítulos 4 e 5); iii) *A prática dos ritos* (capítulos 6, 7 e 8). iv) *As margens da religião* (capítulos 9, 10 e 11). v) *As dinâmicas religiosas contemporâneas* (capítulos 12 e 13).

Passamos à apresentação da obra por capítulos, tendo como objetivo apresentar a temática do livro, em sua abrangência.

Resenha recebida em 17 de setembro de 2015 e aprovada em 22 de setembro de 2015.

* Mestranda em Ciências da Religião no PPGCR PUC Minas. Bolsista CAPES. País de origem: Brasil.
E-mail: tatyanealmeida-10@hotmail.com.

No primeiro capítulo – *A religião e o sagrado* – Rivière discute o sentido etimológico das palavras religião e sagrado. O autor explica as diversas variações que o termo religião sofreu no decorrer dos séculos, devido à dificuldade de se definir o que se denomina religioso. No entanto, o sentido do termo sagrado não sofreu mudanças tão radicais, mas sua compreensão pendeu para um sentido demasiadamente ontologizado. Rivière menciona alguns autores que desenvolveram pensamento sobre a noção do sagrado: Émile Durkheim, Rudolf Otto, Gerardus Van der Leuw, Mircea Eliade, Roger Caillois, Marcel Mauss, Laura Makarius e René Girard. As ideias desses autores sobre a religião e o sagrado são associadas a exemplos que facilitam sua compreensão pelo leitor.

No segundo capítulo – *Figuras hipotéticas da religião primitiva* – o autor dá continuidade à sua linha de pensamento sobre o âmbito do sagrado sob uma visão antropológica que circunscreve o naturismo, o animismo, o manismo e o culto dos ancestrais. Apresenta em seguida seu estudo acerca da noção de fetiche, abrangendo o totem, o mana e o tabu. Essas noções são trabalhadas tanto sob a visão sociológica, quanto antropológica. Esta reflexão conceitual ampara-se principalmente na contribuição durkheimiana e maussiana.

No terceiro capítulo – *Percepção histórica da antropologia religiosa* – o autor apresenta um breve histórico sobre as principais teses sobre religião desenvolvidas pela antropologia. O autor destaca a ideia de que os primeiros debates antropológicos sobre religião foram marcados por um caráter de especulação filosófico-psicológica. Tal abordagem, que constitui o berço das reflexões sobre a religião, preocupou-se particularmente com sua origem e sua essência. Rivière faz menção às contribuições filosóficas de Marx, Spencer, Crawley e das contribuições psicológicas de Wundt e William James. Em relação à perspectiva sociológica, Claude Rivière salienta a ótica representada pela escola durkheimiana e também a leitura weberiana. Ao tratar de símbolos e funções da religião, o autor cita Freud, que nada tem de antropólogo ou sociólogo, mas que desenvolveu estudos relevantes na área da psicanálise além de ter sido influente

nos estudos de Jung. Em apêndice aposto ao capítulo, Rivière assinala algumas observações específicas referentes ao método de pesquisa em antropologia religiosa tendo como inspiração as obras de Erwan Dianteill e de Albert Piette.

Em relação ao quarto capítulo – *A decifração dos relatos míticos* – é de interesse ressaltar a delimitação proposta pelo autor que afirma que “a antropologia das religiões se interessa particularmente pelo que precedeu as doutrinas” (RIVIÈRE, p. 72). Entende-se aqui, como chave de leitura do capítulo, o estudo dos mitos. Rivière apresenta algumas características do mito e também algumas formas possíveis de leitura, a saber: a leitura psicanalítica, a leitura estruturalista, a leitura funcional (função psicológica, função cognitiva, função pedagógica e função sociopolítica) e a leitura etnológica (plano narrativo, plano cognitivo, plano simbólico, plano religioso e plano sociocultural). Na mesma linha de pensamento, o mito é estudado dentro de seu aspecto histórico dinâmico. O autor faz ainda apontamentos sobre o mito na modernidade, salientando que embora “o mito moderno apareça como simples efabulação sem grande relato fundador nem rito codificado – e isso o diferencia do retrato-robô dos antropólogos – resta a ele a metáfora e o símbolo, a ambiguidade do sentido, o apelo ao sentimento, ao desejo, ao imaginário, e à esperança vivida” (RIVIÈRE, p.93). Dentre outros aspectos, destaca-se no autor a compreensão de que o mito acompanha os humanos desde os primórdios até a modernidade como uma das mais profundas expressões da compreensão de si e do mundo.

No capítulo cinco – *As crenças religiosas: formas e conteúdos* – o autor analisa a crença em seu sentido amplo, não restringindo-se apenas aos mitos, como feito anteriormente. Aqui, o objeto da crença é o que se toma por verdadeiro sem dele ter prova absoluta, como se fosse uma espécie de crédito atribuído a um conteúdo pensado. “Mesmo o mais agnóstico dos indivíduos crê, à medida que adere a certas proposições não demonstradas” (RIVIÈRE, p. 95). O fenômeno do crer é tratado pelo autor a partir da ideia da convicção íntima e a partir das variações de crença. Dentre outros assuntos relevantes do capítulo, destaca-se a

questão do conteúdo transcendente das crenças religiosas, que são analisadas a partir da ideia de deuses e de poder, por um lado, e da concepção do homem como portador de alma e espírito, por outro lado. Por fim, tendo como base o pensamento de Eliade e Lévi-Strauss o autor analisa a correlação entre mito e rito. Os ritos são compreendidos como a representação cênica de paradigmas contidos nos mitos, e as narrativas míticas como expressão do imaginário oriundo de rituais preexistentes.

No capítulo seis – *O rito como teoria* – o autor retoma a questão do rito, a começar de seu sentido etimológico. Brevemente, propõe uma tipologia do rito, desdobrando-o em seu sentido solene, doméstico, religioso, mágico, verbal, manual, ocasional e periódico. O capítulo expõe as interpretações do rito trazidas por diversos autores, dentre os quais Frazer, Lévy-Bruhl, Durkheim, Maussa, Malinowski, Turner e Lévi-Strauss. Segundo o autor, o rito, que em outro momento fora estudado em sua relação com o contexto religioso, tornou-se para etnólogos um assegurador do mito no que diz respeito às sociedades ditas primitivas; até ser considerado, no último quarto do século XX, um analista do contemporâneo, sobretudo por uma teorização das liturgias políticas e dos ritos profanos.

O capítulo sete – *Purificação e propiciação* – parte dos estudos de Cazeneuve, que trata do puro e do impuro, ou seja, do bem e do mal, e da violação de tabu que é considerada a geradora da infelicidade. No âmbito deste estudo, a obra oferece alguns exemplos que certamente permitem ampliar nosso entendimento sobre os ritos de purificação. A maior parte dos ritos destinados a expulsar ou evitar a impureza adquire sentido através das diversas formas sob as quais se realizam, seja a oração, a oferenda ou o sacrifício. O capítulo ressalta ainda a contribuição de Arnold Van Gennep e de Victor Turner para o estudo dos ritos de passagem.

No capítulo oito – *Festas da vida e celebrações do céu* – são tratadas as festividades e rituais que marcam as etapas da vida familiar, ou seja, os ritos do ciclo de vida. O livro apresenta, nesta ordem, o rito de iniciação pubertária, o rito

de nascimento e o rito de morte. Fala-se das festas de renovação social e dos cultos de possessão. Ambos são muito bem trabalhados no texto, com muitos exemplos esclarecedores.

No capítulo nove – *A magia reinterpretada* – Claude Rivière desenvolve seu pensamento tendo como base a etimologia da palavra “magia”, abrindo caminho para se pensar também as interrelações entre magia, ciência e religião. Três são os autores principais mencionados para esta interpretação: Frazer, Malinowski e Mauss. Sob essa perspectiva, o capítulo apresenta ainda um breve estudo sobre magia e religião em seu vínculo com os ritos.

No capítulo dez – *A feitiçaria reexaminada* – o autor propõe uma abordagem partindo de situações comparativas entre Europa e África. “Se na França parece significativa a luta entre duas forças individuais, a do suspeito de feitiçaria e aquele que desfaz o feitiço agindo sobre a vítima enfeitiçada [...] o esquema africano atribui menor lugar àquele que desfaz o feitiço. Logo, na Europa, ao contrário do que se passa na África, a feitiçaria não faz parte da religião” (RIVIÈRE, p. 165). Neste horizonte, são sinalizadas as referências descritivas das figuras da feitiçaria e dos seus agentes. O estudioso apresenta também apontamentos referentes à feitiçaria na Europa, desde o séc. XVI até a contemporaneidade, e da feitiçaria africana que abarca desde a antiga até a moderna.

No capítulo onze – *O xamanismo reativado* – o xamã aparece como mágico à medida que supostamente age como aquele que provoca a doença ou que cura. Ainda que traços importantes do xamanismo, transe e êxtase propriamente não o definem. Entre os poderes adquiridos pelo xamã estão os meios de contato com o outro mundo, os quais diferem segundo cada sociedade. O autor apresenta três maneiras pelas quais os poderes xamânicos se revelam como vocação ou iniciação – transmissão hereditária, vocação eletiva ou chamamento dos espíritos, e busca voluntária, mas com a aprovação dos espíritos. No capítulo, os exemplos são

apresentados principalmente considerando o cenário siberiano. Uma das questões também abordadas diz respeito às atividades terapêuticas, espirituais e sociais do xamã.

No capítulo doze – *Desencanto ou efervescência religiosa* – a abordagem do tema se faz através da reflexão que toma como ponto de partida aquilo que o autor chama de limites da secularização. Rivière entende que a religião e o mundo moderno são incompatíveis. Para sustentar tal afirmação, o autor destaca a secularização e o estado laicizado em que nos encontramos. O declínio da prática religiosa é pensado a partir de autores como Berger, Luckmann, Wilson, Martin. Rivière avança nesta ótica salientando como as religiões populares estão em estado de latência, onde o sagrado também tende a se extinguir. O autor também desenvolve sua reflexão sobre os novos movimentos religiosos e sobre as seitas, cunhando em relação a isso o conceito de “nebulosa místico-esotérica”. O capítulo aborda também à questão do fundamentalismo religioso, observado como elemento que vem se apresentando de forma moderada entre os grupos religiosos, mas com risco de aprofundar-se.

O último capítulo – *Mutações religiosas do terceiro mundo* – promove uma discussão sob a perspectiva do terceiro mundo em particular, uma vez que, no capítulo anterior, a reflexão se desenvolveu considerando o Ocidente em geral. Desta forma, é evidenciado como os movimentos religiosos se multiplicaram. Para ilustrar o tema, o autor dá especial destaque ao aparecimento dos profetismos e dos messianismos. O autor ressalta que, entre muitos povos submetidos, não surgiu nenhuma forma de messianismo, enquanto os profetismos se desenvolveram em reação à crise interna da sociedade. Salienta o autor que “à medida que um movimento se desenvolve, ele costuma produzir mudanças de atitude ligadas à reinterpretção dos mitos, após a constatação do desajuste entre as esperanças e as realidades”(RIVIÈRE, p. 217). O processo de sincretismo é discutido no capítulo a partir de quatro paradigmas propostos pelos estudos de André Mary.

Claude Rivière conclui sua obra tratando da perspectiva atual da religião. A “pós-modernidade diz respeito tanto à realidade das grandes instituições religiosas tradicionais quanto às fisionomias dos fundamentalismos e das novas religiosidades e espiritualidades” (RIVIÈRE, p. 231). Nesta dimensão, seguindo o autor, o termo religião ainda se aplica, claro que com novos traços impostos pela pós-modernidade. A expressão pós-modernidade é acolhida por Rivière na mesma perspectiva daquela inaugurada por Lyotard. Na reta final, o autor faz breves ensaios sobre a crise católica e sobre as crenças dentro desse cenário. O autor ressalta também que “se a antropologia nada tem de um organismo de conselho, pelo menos ela pode mostrar, e exemplos vêm em seu apoio, que o soberano Bem, mesmo concebido de maneira diversa, não se encontra nem na violência, nem no desprezo, nem no ódio” (RIVIÈRE, p. 237).

Esta obra nos oferece um excelente material para consulta, reflexão e aprofundamento, sob uma perspectiva socioantropológica da religião. A partir dos diversos questionamentos propostos pelo autor, o leitor é estimulado a realizar uma leitura crítica e comparativa dos conceitos através dos exemplos dados. A leitura do livro de Claude Rivière, mesmo a partir de uma síntese mínima, nos permite perceber a amplitude do seu pensamento e as ideias de renomados autores que desenvolveram alguma reflexão sobre a religião. Suas ideias provocam o leitor e alcançam tanto o público em geral que se interessa pela temática quanto especialistas da área de estudos da religião, ciências da religião e teologia.